Scriptoria e Oficinas

Maria Fernanda de Souza*

Resumo:

Scriptoria e Oficinas traçará um paralelo entre duas formas de produção dos livros: a manuscrita e a mecanizada, enfocando as semelhanças e diferenças entre elas e as mudanças causadas pela imprensa na visão da escrita e na difusão do conhecimento.

O presente trabalho tem por objetivo traçar um paralelo entre os scriptoria - local, num mosteiro, onde os livros eram produzidos - e as primeiras oficinas impressoras, especialmente as que funcionaram em Portugal. Dessa forma, serão destacadas as mudanças causadas pela imprensa numa época em que, no Ocidente, os mosteiros eram os grandes responsáveis pela produção dos livros e o conhecimento estava restrito a poucas pessoas.

1. A atividade dos scriptoria

Copiar era o trabalho principal dos monges no scriptorium, e abrangia um processo mais elaborado do que o conhecido atualmente. Copiavam-se outros manuscritos, geralmente emprestados por comunidades religiosas.

As tarefas eram distribuídas entre vários monges: copistas propriamente ditos ou escribas, rubricadores, miniaturistas. Cada um deles tinha uma mesa própria, abastecida com o material necessário para seu trabalho específico. Assim, na dependência de sua atividade, o monge se utilizaria de objetos como tinteiros, penas finas, pedra pomes, réguas, tintas variadas, ouro em pó ou em folhas finas e outros. Dirigindo os trabalhos no scriptorium estava o chefe do atelier. Cabia a ele escolher o modelo textual a ser copiado e a supervisão de todo o trabalho de cópia.

O estilo de ornamentação, o tipo de letra, os sistemas de abreviação e pontuação, bem como a caligrafia, que variou consideravelmente de região para região, as dimensões das margens e o volume dos tipos possibilitam identificar, em boa parte dos casos, o local de produção dos livros.

1.1 O preparo do suporte

Como primeira parte dos trabalhos preparava-se o suporte da escrita. Nos livros manuscritos o suporte era, em geral, o pergaminho, pele de animais como a vitela e o carneiro tratada para receber a escrita. Conforme o tamanho da obra a ser copiada, podia ser necessário sacrificar-se todo um rebanho.

Para a obtenção do pergaminho, eliminavam-se da pele do animal o pelo e a gordura. Em seguida, a pele era seca e polida. Até o século XIII, a elaboração do pergaminho era exclusiva dos centros monásticos, "não se podendo ainda falar da existência dessa profissão laica do pergaminheiro." (Bandeira, 1995:21)

---

* Trabalho realizado para Projeto de Pesquisa em Linguística com bolsa PIBIC/CNPq/UFRJ.

Preparado o pergaminho, com régua e lápis fino ou ponta seca, traçavam-se as linhas sobre as quais se faria a escritura. Este processo chamava-se enregramento. Depois disso começava a cópia propriamente dita. O texto normalmente apresentava-se em uma ou duas colunas.

1.2 A cópia propriamente dita

Os copistas tinham certa liberdade para fazer alterações em relação ao texto-fonte. Podiam tecer comentários, ou mesmo incluir no texto partes que considerassem relevantes. O chefe do atelier revisava a cópia e procurava sanar possíveis erros, além de acompanhar a execução da obra e impor unidade de conjunto ao trabalho dos copistas.

Ao final do trabalho dos escribas, o rubricador apunha os títulos, geralmente de cor vermelha, deixando espaço em branco para as letras iniciais de capítulos, uma vez que cabia a outro monge desenhá-las. Inicialmente ilustradas em vermelho, foram a pouco e pouco ganhando cada vez mais importância e, com isso, cores e também imagens no seu interior.

O miniaturista era o responsável pelas ilustrações ou iluminuras, que compõem talvez a parte mais visível da decoração desses textos. Tudo isso reforçava a mensagem apresentada e tornava o livro mais atraente aos olhos.

1.3 A encadernação

A encadernação dos livros em códices, formato que substituiu o rolo ou volumen, era a última etapa do trabalho. Os fólios eram organizados em cadernos que, depois de costurados, recebiam a capa. Este item tinha especial importância porque, em alguns casos, recebia ricos ornamentos, como pedras preciosas, por exemplo, de acordo com o desejo de quem encomendava a obra.

2. O surgimento da imprensa de tipos móveis

A imprensa, aos poucos, transformaria esse quadro totalmente. Seu surgimento no Ocidente deu-se no século XV. A nova técnica é atribuída ao alemão Johannes Gutenberg. Em 1454-55 ele concluiu, em Mainz, o primeiro livro impresso: a Bíblia de 42 linhas, numa tiragem que se supõe não ter ultrapassado os 200 exemplares. Embora na China, existisse uma forma de imprensa bem mais antiga, que provavelmente datava do século II, esta era desconhecida na Europa.

A imprensa chinesa utilizou-se primeiramente de placas de pedra e, depois, de blocos de madeira entalhados à mão, cada qual formando uma página de escrita. Ao imprimir, dava-se uma passagem de tinta na placa, comprimido-a depois contra uma folha branca de papel, feito de fibra de bambu. A grande diferença na imprensa de Gutenberg foi a utilização de tipos móveis não de madeira, mas de metal, que possibilitavam sua reutilização um número maior de vezes.

2.1 O funcionamento de uma oficina

As oficinas impressoras eram uma espécie de indústria doméstica. Os diaristas e aprendizes residiam com a família do mestre e este presidia a pequena comunidade.

de. Os primeiros impressores recebiam também a denominação de mestres, o que indicava, geralmente, não só o grau mais alto na escala dos ofícios (aprendiz, oficial), mas, no caso específico dos primeiros impressores, também o fato de terem frequentado uma universidade.

Nas oficinas impressoras, como no scriptorium, cada trabalhador tinha uma função específica. O mestre impressor selecionava para a impressão os melhores manuscritos, além de supervisionar o trabalho dos compositores e corrigir possíveis erros, exercendo, assim, a função de corretor.

O compositor, mediante o texto a ser copiado, ou original de imprensa, organizava no componedor cada linha de texto, utilizando-se para isso de estojo cheio de divisões, no qual guardava as letras. Estas linhas eram transferidas para uma bandeja, a galé, formando cada página do texto.

As páginas não eram impressas uma a uma, mas várias de cada vez, dependendo do formato que o livro teria no final. As primeiras páginas impressas serviam de provas, sendo confrontadas com o original de imprensa pelo corretor.

Trabalhando na prensa, estavam dois homens: um deles passava a tinta na face dos tipos, enquanto o outro, encaixava o papel e girava o molinete, que comprimiria os tipos tintados contra o papel. As folhas com a tinta molhada eram alceadas para secarem. Com essas folhas, dobradas e organizadas, formavam-se os cadernos que, juntos, constituiriam um exemplar. A oficina era também o lugar da encadernação e venda de livros.

2.2 O início da atividade tipográfica em Portugal

No território português, instalaram-se oficinas pouco tempo após a criação da imprensa, em Faro, Lisboa e Leiria. Nessas cidades, imprimia-se inicialmente em hebraico. O primeiro livro conhecido impresso em Portugal foi o Pentateuco, em hebraico, no ano de 1487, na tipografia de Samuel Gacon, situada em Faro. Em 1496, um decreto expulsou os judeus de Portugal e, em 1497, outro decreto proibiu a impressão em hebraico. Quase ao mesmo tempo, imprimia-se em latim e português. O mais antigo livro conhecido, impresso em Portugal, na língua latina, foi o *Breuiarium Bracharense*, no ano de 1494.

Há uma controvérsia em relação à data de publicação do primeiro livro em português. Os estudiosos da área consideram que o primeiro livro publicado em português foi o *Tratado de Confissom*, impresso no ano de 1489 em Chaves, como indica o colofon. A bibliógrafa brasileira, Rosemarie Erika Horsch, sustenta, porém, que o primeiro livro publicado em português foi a tradução do *Sacramental*, de Clemente Sanchez de Vercial (séc. XV). Este livro, de que a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro dispõe de um exemplar, teria sido impresso também na localidade de Chaves, mas em 1488. O problema está em tratar-se de um incunábulo sem o colofon, que traria a data da impressão e o nome dos impressores. Por esse motivo, não se pode afirmar a data exata da impressão.

3. Conclusão:

A visão da escrita no período medieval diferia bastante da que se tem atualmente. A escrita era um trabalho laborioso, que exigia tempo e diligência de quem o realizava. ECO (1980:154-55) resume vários testemunhos que a Idade Média nos legou acerca do esforço implicado no ato da escrita:

"...sei quanto sofrimento custa ao escriba, ao rubricador e ao estudioso transcorrer em sua mesa as longas horas do inverno, com os dedos que se contraem sobre o estilo(enquanto que já com uma temperatura normal, após seis horas de escritura, a terrível câimbra apodera-se dos dedos do monge e o polegar dói como se estivesse esmagado). E isso explica por que, freqüentemente, encontramos à margem dos manuscritos frases deixadas pelo escriba como testemunhos do sofrimento (e de impaciência) tais como "Graças a Deus logo vai ficar escuro", ou "Oh, tivesse eu um bom copo de vinho!", ou ainda "Hoje faz frio, a luz está fraca, este velo é peloso, alguma coisa está errada". Como diz um antigo provérbio, três dedos seguram a pena, mas o corpo inteiro trabalha. E dói."

Por conta disso, várias seriam as repercussões do invento de Gutenberg. A imprensa facilitou a produção dos livros e barateou os custos das obras, o que foi de especial importância para as Universidades recém-criadas, que puderam difundir seus estudos e contribuir para o desenvolvimento de uma nova cultura na sociedade.

Com a imprensa, não só a produção de livros e a difusão do conhecimento estendeu-se por todo o mundo, como também iniciou-se, no Ocidente, o processo de padronização na escrita das línguas. A escrita dos vernáculos ganhou formas e letras comuns, independente do local onde eram produzidos os livros.

A tipografia contribuiu para a regularização da escrita, principalmente a dos vernáculos, e para o surgimento de um padrão gráfico como até então não se conhecia. Ainda não havia gramáticas, nem tratados ortográficos para os vernáculos, e os impressores preencheram essa lacuna.

No que toca ao aspecto material, os primeiros livros impressos guardavam semelhanças com os manuscritos porque estes eram o modelo existente. Até mesmo essa situação se modificará, pois, como indica Nascimento (1999:60,nota 46), "Com uma particularidade freqüente: enquanto os primeiros impressos procuravam imitar os manuscritos, agora estes tendem a imitar os impressos."

Os primeiros impressos em português utilizavam a letra gótica, trazida da Alemanha pelos primeiros impressores. O papel, inventado na China e introduzido na Europa pelos árabes no século XII, começava a ser produzido na Itália em 1276. Feito de trapos preferencialmente de linho, mas também de algodão ou de cordame, o papel substituiria aos poucos o pergaminho.

Os primeiros impressores necessitavam de apoio financeiro para realizar seu trabalho, pois suas obras não eram encomendadas, como os manuscritos. Essas edições não tinham público definido, embora com o surgimento das universidades, o público leitor tenha começado a ampliar-se, aumentando a necessidade de livros.

Todas essas alterações surgidas com a imprensa mecanizada contribuíram para a mudança no pensamento humano e abriram caminho para o Renascimento. Se antes o conhecimento estava restrito aos centros religiosos, no decorrer do tempo, ele se

expandiu e se desligou das instituições eclesiásticas, alcançando um número muito maior de pessoas.

Referencias Bibliográficas

- BACHOUSE, Janet (1979). *The Illuminated Manuscript*. Oxford: Phaidon.
- BANDEIRA, Ana Maria Letão (1995). *Pergaminho e papel em Portugal: tradição e conservação* Lisboa: CELPA
- DAHL, Svend (1960). *Histoire du livre*. Paris: Lamarre-Poinat.
- DUNYEE, JI. (1988). Primórdios da imprensa na China: impressos com chapa gravada no início da dinastia Tang (618-907). In *Revista de Cultura*. Macau: Instituto Cultural de Macau, 6:19-24. Julho, agosto, setembro. 1988.
- ECO, Umberto (1986). *O nome da rosa*. Tradução de ANDRADE, H.F. & BERNARDINI, A .F. São Paulo: Record.
- GASKELL, Philip (1972). *A New Introduction to Bibliography* . Oxford: Oxford University Press.
- LOYN, Henry R, (org.). (1989). *Dicionário da Idade Média*. Trad. CABRAL, A. Rio de Janeiro: Jorge Zahar (1990). 370 p.
- NASCIMENTO, Aires A. do. (1999). O scriptorium medieval, instituição matriz do livro ocidental. In: Nascimento, Aires A. do et alli 1999. *A Iluminura em Portugal - Identidade e influências(do século X ao XVI)*. BN, Lisboa, 1999 391 p. p.51-109. Catálogo da exposição.
- PEIXOTO, Jorge (1961) *Técnica bibliográfica*. vol. 1. Coimbra: Atlântida.
- ROSA, Maria Carlota (1994). *Pontuação e sintaxe em impressos portugueses renascentistas*. UFRJ: Faculdade de Letras. 2v.mimeo.
- TEIXEIRA, Manuel (1988). O IV centenário da imprensa em Macau in *Revista de Cultura*, Macau: Instituto Cultural de Macau, 6:3-10. Julho, agosto, setembro. 1988.